# Dia 27 — São Pantaleão, Mártir

Foi São Pantaleão um dos mais ilustres mártires da fé de Jesus Cristo e nasceu em Nicomédia da Bitínia, cidade que o imperador Diocleciano havia escolhido para sua residência. Seu pai Eustórgio era gentio e sua mãe Eubula era cristã. Aproveitou-se a mãe com destreza das belas disposições de coração e de entendimento que reconheceu em seu filho para dar-lhe desde a infância o primeiro verniz da religião cristã; mas, tendo morrido antes que Pantaleão tivesse idade para aproveitar-se de suas instruções, tomou Eustórgio a seu cargo a educação do menino; e, como era um dos mais obstinados pagãos de Nicomédia, teve grande cuidado de inspirar a seu filho uma grande aversão ao nome cristão e de imbuir bem seu entendimento nas superstições gentílicas. Vendo o pai a inclinação que mostrava Pantaleão ao estudo das ciências, não poupou meio algum para que se instruísse nas mais amenas, e teve o consolo de vê-lo sobressair em breve tempo tanto nas letras humanas como na filosofia; mas, sentindo-se muito inclinado à medicina, aplicou-se particularmente a ela. Fez tantos progressos nesta faculdade que muito em breve foi Pantaleão um dos médicos mais hábeis que havia em Nicomédia; tanto que, movido o imperador Galério Maximiano, assim de sua reputação como de seu engenho, da suavidade de seus costumes e de seus cultos e corteses modos, nomeou-o por seu médico ordinário.

A precisão de assistir à corte daquele príncipe era um meio muito a propósito para apagar de seu coração até os mais leves vestígios do cristianismo que pudessem ter estampado nele as piedosas instruções de sua mãe; mas, por ventura sua, preparou-lhe a bondade do Senhor um auxílio que não esperava e que foi bastante para que voltassem a raiar em sua alma aquelas primeiras luzes.

Teve ocasião de falar-lhe certo dia um santo presbítero chamado Hermolau e, enamorado de seu bom natural e de sua viveza, de sua afabilidade e de seus gratíssimos modos, assim por isto como por sua conversação e por sua fisionomia, suspeitou que Pantaleão havia tido melhor escola que a comum dos pagãos. Chamou-o à parte e disse-lhe que desejava falar-lhe mais devagar. Consentiu Pantaleão e, combinado o dia e o lugar, concorreram ambos ao sítio assinalado. Rompeu Hermolau a conversação dizendo-lhe: «Ou eu me engano muito, ou, ao que me parece descobrir em teu modo e em teu semblante, tu só és gentio por costume, por bem parecer ou por razão de estado; mas nem teu entendimento nem teu coração foram sempre pagãos.» «Confesso — respondeu Pantaleão — que sou filho de mãe cristã e que esta me começou a instruir nas máximas de sua religião; mas morreu muito cedo, e não tive tempo para ser cristão.» «Segundo isso — replicou Hermolau —, não és idólatra por eleição; mas um homem de tua capacidade em matéria de religião se há de deixar levar da corrente?» «Até agora — respondeu Pantaleão — só pensei em estudar minha medicina.» «E nela adiantaste muito — prosseguiu Hermolau —, fazendo-te médico famoso; mas de que te serve a ciência da saúde se ignoras a da salvação? Crê-me, Jesus Cristo é distinto mestre que Galeno e Esculápio; estes dão uns preceitos muito limitados e muito mais

duvidosos para conservar uma saúde que ao cabo se há de perder; mas a doutrina de nosso divino Mestre dá a vida, e uma vida que no céu dura eternamente.» Reconhecendo Hermolau que suas palavras faziam impressão em Pantaleão, explicou-lhe os mistérios de nossa santa religião com tanta clareza e com tanta energia que o médico se mostrou quase convencido, prometendo ao zeloso catequista que para a segunda conferência traria pensado o que devia fazer, pois realmente conhecia que, para ser feliz, era preciso ser cristão.

Conta-se que, passeando um dia, quando ia revolvendo em seu pensamento a mudança que tratava de fazer, encontrou no caminho um menino morto pela mordedura de uma víbora e junto ao cadáver a víbora que o havia mordido. Animada sua confiança com aqueles como crepúsculos da fé de Jesus Cristo, ocorreu-lhe de repente fazer a experiência de se era tão grande seu poder como lhe havia ponderado o presbítero cristão. Aproximou-se do menino e, em tom determinado e resoluto, disse-lhe: «Levanta-te, morto; assim to mando em nome de Jesus Cristo; e tu, animal peçonhento e maligno, morre ao instante.» No mesmo ponto morreu a víbora e ressuscitou o menino; e, assombrado Pantaleão do milagre, correu ao santo catequista, referiu-lhe o que acabava de suceder-lhe e pediu-lhe o batismo.

Recebeu-o, e não lhe cabia o gozo no peito ao ver-se já cristão. Estava impaciente por fazer participante a seu pai da mesma ventura e vê-lo convertido; mas, conhecendo sua obstinação e encaprichamento no paganismo, pareceu-lhe preciso contemporizar e valer-se de alguma indústria para convencê-lo. Deixou-se ver diante de seu pai com um ar triste, taciturno e pensativo; perguntou-lhe o velho qual era o motivo de sua melancolia. «Senhor — respondeu-lhe Pantaleão, arrancando um profundo suspiro —, as extravagâncias de nossa religião me trazem perturbado e me têm revolta a cabeça. Se nossos deuses foram homens, por que arte se fizeram deuses? Por outra parte, não se pode negar que oferecemos sacrifícios a uns ídolos que nem têm olhos para ver o que lhes oferecemos nem orelhas para ouvir o que lhes pedimos. A isto se acrescenta o que estamos vendo: do mesmo metal de que se fabricam as panelas se fabricam os deuses; e não poucas vezes tendes visto vós mesmo que os que hoje eram deuses, a quem oferecíamos incenso, amanhã são panelas em que se cozinha o caldo.» Não sabendo o velho que responder, mostrou-se duvidoso e titubeante; mas, para convertê-lo, era preciso um milagre. Foi um cego em busca de Pantaleão e queixou-se de que os outros médicos, por curar-lhe um mal que padecia nos olhos, à força de remédios o haviam deixado sem vista. Ofereceu-lhe Pantaleão que ao instante a recobraria e o poria bom se lhe desse palavra de abraçar a religião cristã. Surpreendeu tanto ao cego como ao pai a proposição; mas o milagre os converteu a ambos. Apenas fez oração o santo, invocando o nome de Jesus Cristo sobre o enfermo, ficou são, e os dois receberam o batismo.

Com a conversão do pai ainda se enfervorizou mais o filho; porque, tendo chamado Deus a si o bom velho, logo que Pantaleão se viu herdeiro de todos os seus bens, vendeu-os e repartiu o preço entre os pobres. É verdade que continuou com a profissão de médico, mas de médico divino, que curava as enfermidades da alma curando milagrosamente as do corpo; e assim, por meio de seu industrioso zelo, cresceu prodigiosamente o número dos fiéis.

Mas a grande reputação que havia adquirido nosso santo com suas milagrosas curas excitou a emulação e a inveja dos médicos. A breve tempo descobriram que era cristão e logo o delataram ao imperador Maximiano, que se achava então em Nicomédia. Surpreendido extraordinariamente o

príncipe ao ver que mantinha em sua mesma corte um inimigo de seus deuses, quis informar-se da verdade por si mesmo; e, para que Pantaleão não a negasse, ou para ter com que vencê-lo se pretendesse obscurecê-la, examinou por sua pessoa o cego que o santo havia curado e que fazia muito ruído na cidade. O novo cristão referiu simplesmente quanto havia passado e que o médico Pantaleão lhe havia restituído a vista sem outro medicamento que invocar o nome de Jesus Cristo. Tentou persuadir-lhe o imperador que aquele benefício o devia aos deuses do império. «Ah, senhor! — replicou-lhe o cego —, como quer Vossa Majestade que me restituíssem a vista uns deuses que não veem?» Irritou tanto a Maximiano esta animosa resposta que mandou que lhe cortassem logo a cabeça.

E, não duvidando já de que era cristão Pantaleão, mandou chamá-lo; e, em tom irado, mas no qual se deixava transluzir a estima e até o amor que professava a seu médico ordinário, disse-lhe: «Nunca teria crido que o homem a quem mais tenho cumulado de honras e de bens em minha corte fosse o maior inimigo dos deuses do império.» «Confesso, senhor — respondeu Pantaleão —, que desde que Deus me fez a graça de dar-me a conhecer as superstições do paganismo concebi um sumo desprezo desses demônios que vós chamais deuses: qual é seu poder, sua soberania, sua duração? Não há entre eles nem um sequer de cujo nascimento e origem não tenhamos notícia; não se ignoram suas fraquezas nem suas paixões; sabem-se até suas maldades e seus vícios. A impiedade e a loucura dos homens converteu em deuses os homens mais malvados.» Vendo nosso santo que o imperador estava como cortado, embora saltasse aos olhos a cólera que ardia em seu coração, adiantou-se a fazer-lhe uma proposição que foi recebida com geral aplauso de todos os circunstantes.

«E para que Vossa Majestade se desengane — acrescentou Pantaleão — de que todas essas divindades são umas estátuas mortas e nada mais e de que só é verdadeiro Deus o Deus dos cristãos, traga-se aqui a vossa presença um enfermo desenganado de todos os médicos, invoquem-se vossos deuses para que o sarem, ofereçam-se-lhes sacrifícios, e veremos se têm poder e habilidade para curá-lo; eu invocarei a Jesus Cristo, meu Salvador, com uma segura confiança de que, logo que tenha pronunciado seu santo nome, ficará inteiramente são.»

Como todos se interessavam tanto no desafio, não foi possível recusá-lo e, assim, por mais que o imperador se irritasse contra Pantaleão, procurando aterrá-lo com ameaças, foi preciso fazer à sua vista a experiência do quimérico poder de seus deuses. Trouxe-se à presença de todo o concurso um paralítico impedido de todos os seus membros havia muito tempo; esgotaram os gentios todas as suas devoções, seus sacrifícios e suas deprecações; mas o paralítico ficou como estava: faz oração Pantaleão à vista de toda a multidão que havia concorrido ao palácio; levanta-se, aproxima-se do enfermo, faz sobre ele o sinal da cruz, manda-lhe em nome de Jesus Cristo que fique bom, e no mesmo instante levanta-se o paralítico, dizendo a vozes que não há outro verdadeiro Deus senão o Deus dos cristãos. Fez este milagre tão maravilhoso efeito no ânimo dos que o viram que se converteu a maior parte deles; e, por mais que o imperador se esforçasse em persuadir que tudo era artifício mágico e encantamento, não ressoava outra coisa nas ruas de Nicomédia que elogios e aplausos do poder de Jesus Cristo.

Mas, enconado Maximiano com as sugestões dos sacerdotes dos ídolos, pareceu-lhe ser preciso desacreditar com o rigor dos suplícios aquele a quem respeitava todo o povo como a homem

favorecido do verdadeiro Deus. Mandou, pois, que fosse levado Pantaleão à praça maior e que ali, à vista de toda a cidade, despedaçassem seu corpo com garfos de ferro e aplicassem às feridas tochas acesas e que depois o metessem numa caldeira de chumbo derretido. Apareceu-lhe o Salvador ao princípio destes tormentos e o fez como insensível a tão horrorosos suplícios. Mais enfurecido o imperador à vista de tantos prodígios, mandou que, atando-lhe ao pescoço uma pedra de enorme corpulência, fosse precipitado no mar; mas este elemento também o respeitou e voltou a arrojá-lo são e salvo à margem. Uma máquina armada de navalhas e pontas de aço, que ao primeiro movimento naturalmente o havia de fazer em pedaços, não lhe fez o mais leve dano; antes, desbaratando-se de repente, tirou a vida a muitos gentios que assistiam àquele novo gênero de suplício.

A este tempo deram notícia ao imperador de que o presbítero Hermolau havia convertido Pantaleão. Com isso se persuadiu de que, se conseguisse fazer apostatar aquele bom velho, logo se perverteria o mesmo Pantaleão com o exemplo de seu mestre e catequista. Mandou, pois, buscar o santo presbítero e ameaçou-o com os mais horrorosos tormentos se não renunciasse a Jesus Cristo naquele mesmo ponto. Não deu outra resposta Hermolau que rir-se das ameaças do imperador. Começou-se o interrogatório e, às primeiras palavras, sentiu-se um tremor de terra tão violento que todos creram que iam ficar sepultados nas ruínas dos edifícios. Disse o tirano ao povo que aquilo era sinal da cólera dos deuses; ao que prontamente replicou Hermolau: «E que dirias, senhor, se esses vossos mesmos deuses se tivessem feito em pedaços com o terremoto?» Foi assim; pois apenas acabou o santo de pronunciá-lo quando um horrível alarido dos pagãos informou ao imperador de que todos os ídolos da cidade se haviam feito em cacos e pó na ruína dos templos. Aturdido Maximiano com este sucesso, mandou cortar a cabeça a Hermolau e condenou Pantaleão ao mesmo suplício. Atou-o o verdugo ao tronco de uma oliveira; descarregou-lhe sobre o pescoço muitos golpes com o afiado sabre; mas nenhum o feriu nem ainda ligeiramente, até que o santo, com uma piedosa impaciência de ir receber no céu a recompensa devida a seus trabalhos, suplicou a Jesus Cristo que não lhe dilatasse mais a coroa do martírio, a qual recebeu enfim no dia 27 de julho do ano de 305; e com ele tiveram parte na mesma glória os santos Hermipo e Hermócrates, companheiros do santo presbítero Hermolau.

As relíquias de São Pantaleão foram trasladadas de Nicomédia a Constantinopla e colocadas no sítio onde se celebrou depois o segundo concílio geral, no ano de 381, no tempo de Teodósio, o Grande, por cujo motivo se chamou o oratório ou a capela da Concórdia. Presenteou-as com o tempo o imperador do Oriente a Carlos Magno, e este as trasladou à França, venerando-se a cabeça na igreja de Lyon e o resto no mosteiro de São Dinis.

«Na igreja das senhoras agostinhas recoletas do real convento da Encarnação de Madri conserva-se dentro de uma ampolinha de cristal uma pequena porção do precioso sangue deste glorioso mártir.»

# Martirológio Romano

Em Nicomédia, o martírio de São Pantaleão, médico, que, preso pela fé de Jesus Cristo por ordem do imperador Maximiano, foi posto no potro e exposto à chama de umas lâmpadas. Mas uma aparição do Senhor em meio de tamanhos suplícios lhe proporcionou um santo refrigério. Enfim, consumou seu martírio a fio de cutelo.

No mesmo lugar, São Hermolau , presbítero, que com suas controvérsias converteu São Pantaleão, e também os dois irmãos São Hermipo e São Hermócrates, os quais, depois de terem sofrido muitos suplícios, foram condenados à pena capital pelo mesmo Maximiano porque confessavam Jesus Cristo.

Em Nola, São Félix, Santa Júlia e Santa Inconda , mártires.

Em Bisceglie, na Apúlia, São Mauro, bispo, São Pantaleão e São Sérgio, que padeceram martírio sob o imperador Trajano.

No país dos homeritas, a comemoração dos santos mártires que o tirano Dunaan mandou entregar às chamas pela fé de Jesus Cristo.

Em Córdova, na Espanha, São Jorge, diácono, São Félix, São Aurélio, Santa Natália e Santa Liliosa, martirizados na perseguição dos árabes.

Em Éfeso, a festa dos sete Dorminhocos: São Maximiano, São Malco, São Martiniano, São Dionísio, São João, São Serapião e São Constantino.

Em Auxerre, a morte de Santo Etério , bispo e confessor.

Em Constantinopla, Santa Antusa, virgem, que, sob o imperador Constantino Coprônimo, foi açoitada pelo culto das santas imagens e morreu desterrada.

Em Metz, o falecimento de São Frenino , bispo. Em Lons-le-Saunier, na Borgonha, São Desidério, bispo de Besançon.

Em Béarn, São Galactório, bispo de Lescar, que subscreveu o concílio de Agde.

Neste mesmo dia, São Simeão, monge, mencionado em todos os exemplares jeronimianos.

Na Etiópia, São Ecleso , bispo, que mandou construir a igreja de Santa Maria Maior em sua casa paterna e foi enterrado em São Vital.

Na Escócia, Santa Púmica , virgem.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut, intercedente beato Pantaleone martyre tuo, et a cunctis adversitatibus liberemur in corpore, et a pravis cogitationibus mundemur in mente. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que nos concedais, por intercessão de vosso bem-aventurado mártir Pantaleão, que sejamos livres de todas as calamidades do corpo e nos vejamos limpos de todos os maus pensamentos da alma. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

# Epístola

A epístola é do capítulo 2 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo.

**2 Timóteo 2,8-10; 3,10-12**

> **Latim:** 8 Memor esto Dominum Jesum Christum resurrexisse a mortuis ex semine David, secundum Evangelium meum, 9 in quo laboro usque ad vincula, quasi male operans : sed verbum Dei non est alligatum. 10 Ideo omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur, quæ est in Christo Jesu, cum gloria cælesti. 10 Tu autem assecutus es meam doctrinam, institutionem, propositum, fidem, longanimitatem, dilectionem, patientiam, 11 persecutiones, passiones : qualia mihi facta sunt Antiochiæ, Iconii, et Lystris : quales persecutiones sustinui, et ex omnibus eripuit me Dominus. 12 Et omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur.

**Português:** 8 Lembra-te que o Senhor JESU CHRISTO, que nasceo do sangue de David, resurgio dos mortos, segundo o evangelho, que eu prêgo, 9 no qual eu trabalho até estar em prisões, como hum malfeitor: mas a palavra de Deos não está comigo atada. 10 Por tanto soffro tudo pelos escolhidos, para que tambem elles consigão a salvação, que he em Jesu Christo, com a gloria do ceo. 10 Tu porém já tens compreendido a minha doutrina, instituição, intento, fé, longanimidade, caridade, paciencia, 11 as minhas perseguições, vexações: quaes me acontecerão em Antioquia, Iconio, e em Lystra: quão grandes perseguições soffri, e como de todas me livrou o Senhor. 12 E todos os que querem viver piamente em Jesu Christo, padecerão perseguição.

# Nota

«É certo que já estava preso São Paulo quando escreveu esta segunda epístola a Timóteo. Este era bispo de Éfeso, e o Apóstolo se achava próximo a seu martírio, pelo que São João Crisóstomo chama a esta carta o testamento de São Paulo.»

# Reflexões

*Todos os que querem viver piedosamente em Jesus Cristo padecerão perseguição.* Se tivesse dito: todos os que quiserem viver desordenadamente, licenciosamente e segundo o espírito do mundo serão perseguidos e terão necessariamente muito que padecer numa religião tão pura, tão santa e tão perfeita, seria uma proposição justa, e em crê-la não haveria dificuldade; mas que hajam de padecer perseguição os que querem viver segundo o espírito, as máximas e as leis desta religião, e que a perseguição haja de ser suscitada por aqueles mesmos que a professam, isto é o que verdadeiramente transtorna a razão. Mas ao fim, quando se considera que o mesmo Jesus Cristo foi perseguido por aqueles mesmos que tanto tempo havia o estavam pedindo e o estavam desejando; quando se faz reflexão a que este divino Salvador, que era *a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo*, foi tão maltratado; quando se pensa seriamente que esteve neste mundo, o qual havia sido feito por ele, e que o mundo não o conheceu; que o que veio salvar os pecadores, Jesus Cristo, o Messias tão desejado, deixou-se ver em sua mesma herança, e os seus não o receberam, quem se admirará de que padeçam perseguição neste mundo os que querem viver piedosamente em Jesus Cristo? Que profeta deixou de ser perseguido por aqueles a quem anunciava a vontade do Senhor? Há no homem certo fundo de malignidade que tudo corrompe se não se tem cuidado de purificá-lo com a penitência; nascem com ele as paixões, e elas são as que levantam aquelas névoas que ofuscam as luzes da fé e debilitam a mesma razão natural: se não se procura domar a tempo estes inimigos domésticos, pervertem o melhor natural e, caminhando sempre de acordo com os sentidos, dão a lei, apoderam-se do coração, fazem-se donas do entendimento e tiranizam todo o homem. Como são tão poucos os que não se deixam levar da corrente, como as paixões tomam todas as entradas, reinando sempre na infância e sendo muito mais despóticas na juventude, é sempre maior o número dos partidários do mundo, porque sempre contam as paixões maior número de escravos. Isto é o que engrossa o partido daquele, aumentando o dos inimigos de Jesus Cristo. O rebanho de Jesus Cristo sempre será o menor e, por conseguinte, o mais exposto aos insultos; mas ao fim alegre-se o mundo quanto quiser de que tem de sua parte a multidão: durará pouco sua alegria, além de ser muito superficial; o reino dos céus é a herança dos poucos, reserva-se para o pequeno rebanho.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

**Mateus 10,26-32**

> **Latim:** [26] Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. [27] Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. [28] Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam. [29] Nonne duo passeres asse veneunt ? et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro. [30] Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. [31] Nolite ergo timere : multis passeribus meliores estis vos. [32] Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.

**Português:** [26] Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. [27] O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. [28] E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo. [29] Por ventura não se vendem doux passarinhos por hum'asse: e hum d'elles não calhirá sobre a terra sem vosso pai. [30] E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. [31] Não temais pois : que mais valeis vós que muitos pássaros. [32] Todo aquelle pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceos:

# Meditação

*Do inferno*

# Primeiro ponto

Considera que há inferno, isto é, um lugar em que todo o poder de Deus junta todos os tormentos para castigar, para atormentar os que morrem em desgraça e para fazer-lhos padecer eternamente.

A cólera de todo um Deus irritado acende nele um fogo de um ardor, de uma vivacidade incompreensíveis, que não só abrasa os corpos, mas também as almas. Um condenado está submerso, sepultado, anegado naquele fogo imóvel, em meio daquele fogo, penetrado daquele fogo, sem poder respirar mais que o fogo que o abrasa. A cada momento padece nova dor e novo suplício; e, por um prodígio espantoso de rigor, efeito todo do poder divino, o condenado padece todos os suplícios juntos em cada momento.

Mas por espantosas, por incompreensíveis que sejam aquelas penas, pode-se dizer que são pouca coisa em comparação daquela penetrante dor, daquela eterna desesperação que lhe causa a memória do tempo passado, de quão mal se aproveitou dele e de tantas graças como teve.

A falsa brilhantez das honras que o deslumbrou; os bens fantásticos que o ocuparam; a enganosa aparência dos deleites que o tiveram como encantado; a vaidade dos objetos que o apartaram de Deus; a ridicularia dos que se chamam respeitos humanos; e o nada das grandezas do mundo: todas estas são outras tantas fúrias que despedaçam, que trespassam o coração de um infeliz condenado.

«Quê! Por gozar de uns sujos e momentâneos deleites, por satisfazer meu orgulho e minha vaidade, por contentar minha paixão, precipitei-me nestes fornos eternos! Fantasmas de grandeza, fortuna quimérica, vãs ideias de felicidade, mil vezes vos condenei e não deixei de ir atrás de vós; e por ter-me apascentado de vossa enganosa esperança vejo-me condenado. Pude salvar-me; quantas salutares inspirações desprezei! Nunca me faltaram os auxílios suficientes; mas não me deu na gana de aproveitá-los. Pensei no inferno; cri tudo o que estou vendo, tudo o que estou experimentando; bramava de indignação e de horror contra os que se condenavam, e eu sou um deles.»

A estes mortais remorsos, a estas penas incompreensíveis acrescenta-se a vista de um Deus soberanamente irritado, de um Salvador convertido em inimigo irreconciliável, de um Deus perdido sem recurso e perdido pelo pecado. Era preciso poder conceber o que é Deus para poder compreender que tormento é perdê-lo, e perdê-lo sem esperança de voltar a recobrá-lo. Esta só pena equivale a todos os suplícios: sem esta perda o mesmo inferno com todos os seus tormentos se converteria num lugar de delícias. Concebe, se é possível, que tormento é ter perdido a Deus para sempre.

Ah, Senhor! Perca eu tudo desde este mesmo ponto, bens, dignidades, saúde e até a vida mesma, antes que perder-vos a vós. Mereci o inferno; mas confio e apelo a vossa infinita misericórdia: não permitais, doce Jesus meu, que me condene.

# Segundo ponto

Considera que as penas do inferno não só são universais, excessivas, incompreensíveis, mas também eternas; isto é, que são tão espantosas, tão intoleráveis, que não há esperança de que jamais se acabem nem de que por um só instante se aliviem.

Que dor, que desesperação, que raiva a de uma alma condenada quando, desde aquele abismo da eternidade, depois de ter ardido cem mil milhões de milhões de anos, volta os olhos para esta pequena porção, para este curtíssimo espaço de tempo que viveu, o qual mal poderá descobrir entre aquele prodigioso número de séculos que terão passado depois de sua morte! Pensará que por não ter querido fazer-se um pouco de violência durante um curtíssimo espaço de tempo, arde e padece todos os suplícios juntos depois de tantos milhões de séculos, sem que se possa dizer que lhe resta nem um só momento menos que padecer.

Arder no inferno tantos anos, tantos séculos como instantes se viveram, causa espanto esta duração; que será arder tantos milhões de séculos como gotas de água há nos rios e no mar? Terá sofrido um condenado naqueles calabouços de fogo toda essa incompreensível duração de tempo,

e não se terá passado um quarto de meia hora, nem um instante da eternidade; os filhos de teus filhos estarão enterrados; terá consumido o tempo as casas em que habitaste, a cidade em que nasceste e os estados em que passaste tua vida; enfim, terão sepultado os séculos todo o universo em suas próprias cinzas; depois do mundo terão passado tantos milhões de séculos como durou em momentos o mesmo mundo, e nem um só instante terá corrido da espantosa eternidade; se te condenaste, resta-te tanto por padecer como desde o mesmo ponto em que foste submerso naquelas chamas.

Ó eternidade espantosa! Ó incompreensível eternidade! Quem te pode crer e viver em pecado um só momento e dilatar um só momento a penitência!

Suponhamos que um pecador fosse condenado a arder no inferno até que uma formiga trasladasse ao mar toda a areia de suas margens, levando de mil em mil anos um só grão. Ah, desde que Caim está no inferno, só seis grãos teria transportado este animalzinho! Pois que seria se aquele desditoso tivesse que padecer até que a formiga trasladasse não só toda a areia do mar, mas toda a terra do mundo; se houvesse de arder até que, passando de mil em mil anos, acabasse de roer todas as penhas, todos os montes da terra? A razão se perde, e a imaginação se confunde nesta incompreensível extensão de tempo. Com tudo isso, se te condenas, há de chegar tempo em que possas dizer com verdade: desde que morri, desde que estou raivando em meio destes incêndios, aquela formiga teria já trasladado ao mar toda a areia e toda a terra do universo, já teria roído os montes e os penhascos, já teria penetrado até o mesmo centro do mundo; toda essa espantosa duração de tempo se passou nestes horríveis tormentos, e me resta que padecer uma eternidade toda inteira. Há inferno, há eternidade de inferno; há cristãos que o creem e que todavia pecam! Esta é uma coisa que parece tão incompreensível como o mesmo inferno e como a mesma eternidade.

E então, Senhor, ter-me-eis concedido vós tempo e graça para pensar nas penas do inferno somente para que esta consideração, por pura malícia minha, me aumente algum dia a dor de ter-me condenado depois de ter considerado aquelas terríveis penas? Que raiva, que desesperação será a minha se depois desta meditação não mudo de vida, se não me dedico a trabalhar com vossa poderosa ajuda no negócio de minha salvação! Voltai, Pai Eterno, vossos benignos olhos para este miserável pecador; todavia estou tinto com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo, e em virtude deste sangue vos peço misericórdia e graça para amar-vos em vida e por toda a eternidade.

# Jaculatórias

> *Quis poterit habitare cum igne devorante? quis habitabit cum ardoribus sempiternis?* Is 33.

Ah, Senhor! Quem poderá habitar em meio daquele fogo devorador? Quem sofrerá aqueles ardores sempiternos?

> *Hic ure, hic seca, hic non parcas, ut in æternum parcas.* Santo Agostinho.

Senhor, abrasai-me aqui, cortai-me aqui, não me perdoeis aqui, para que me perdoeis na eternidade.

# Propósitos

1. Desce com a consideração ao inferno em vida, diz São Bernardo, se não queres descer a ele depois de morto. O que teme um grande mal pensa muitas vezes nele e com este pensamento discorre arbítrios, solicita meios e toma suas medidas para preveni-lo. Não percas de vista o inferno, diz o Sábio, se não queres meter-te no caminho que leva direito a ele. É saudável e proveitoso exercício valer-se dos trabalhos desta vida e de tudo o que nela nos aflige para excitar a memória do inferno, e esta mesma memória suaviza de certo modo os trabalhos da vida. Se padeces dores vivas e agudas, lembra-te das que padecem os condenados no inferno; habitamos em casas, vivemos em povoados, exercemos empregos em que se acharam muitos dos que estão ardendo naquelas chamas devoradoras. Nunca nos acharemos em concursos, em banquetes nem em diversões onde não se achem alguns que provavelmente se hão de condenar. Não há contratempo, nem ainda gosto, nesta vida que não seja muito a propósito para trazer-nos à memória os tormentos da outra; nem há remédio mais eficaz não só para temperar, mas para apagar o apetite do deleite que esta salutar memória. Desperta a concupiscência? Picam-te os estímulos da carne? Amotinam-se as paixões? Imagina que ouves a voz daquele desditoso rico que grita desde o centro do abismo: *Crucior in hac flamma*: abraso-me entre estes torvelinhos de fogo; leva contigo esta imagem e esta voz a todos os teus deleites e apetites; logo lhes perderás o gosto, e eles perderão todo o seu sal e todo o seu sabor. Achando-se extraordinariamente tentado em certa ocasião um santo eremita, aplicou a ponta do dedo à luz do candeeiro; não pôde sofrer a viva dor que lhe causou e retirou-a ao instante. Voltando-se então ao tentador, disse-lhe: «Pois quê! Tu me solicitas e me estimulas a um deleite proibido, pelo qual hei de ser condenado às eternas chamas do inferno, quando mal me atrevi a tocar com a ponta do dedo este fogo usual e comum que nos alumia?» Se muitos se valessem em mil ocasiões de semelhantes indústrias, não se veriam tão frequentes e tão lastimosos triunfos da tentação.

2. Não há perda irreparável senão a da alma. Ruína inteira de negócios, reveses de fortuna, perda de pleitos, naufrágios, desgraças e tudo o que se chama neste mundo contratempos e calamidades, falando em rigor, tudo tem remédio, e há consolo para tudo; mas, se me condeno, quem me poderá consolar? Que esperança posso ter? Que alívio posso prometer-me? Tudo se perdeu para mim se perco a Deus. Sirva este pensamento para fomentar tua devoção e com ela o horror que deves ter a todo pecado. Em tuas perdas, em tuas desgraças, naqueles importunos cuidados que são inseparáveis da vida, dize, dize continuamente a ti mesmo: «Não há outro mal que o pecado; nenhuma perda devo temer senão a de Deus; os amigos, o tempo e a mesma morte

me podem consolar na perda dos bens, da saúde, dos empregos; mas perder a Deus, e perdê-lo para sempre, oh, que perda!» Assim nos gostos como nos desgostos desta vida faze familiares aquelas belas palavras: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur?* Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, ser o mais poderoso monarca do universo, se ao cabo se perde e se condena? Àquele grande do mundo que se condenou, àquele rico avarento, de que lhe serve agora ter vivido com tanta magnificência, com tanta abundância entre as diversões e os regalos? De que lhe serve agora a aquela mulher profana, condenada já aos fogos eternos, ter brilhado tanto nos saraus e nas concorrências? De que servem os grandes títulos, os soberbos palácios, a ostentação de modas, de galas e de profanidade? De que serve tudo isto ao que se condenou miseravelmente? Será grande consolo para aquele pai e para aquela mãe que se condenaram ter deixado a seus filhos muitas comodidades enquanto eles ardem nas chamas sempiternas? Familiariza-te com estas reflexões; não há exercício mais salutar; tem sempre à vista em teu gabinete ou em teu quarto algum objeto que perpetuamente te traga à memória a morte ou o inferno.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:45 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:46 by Admin